

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

EROS VIANA DE LIMA PENHA

O DISCURSO ANTICOMUNISTA NO PROJETO DE SUPREMACIA

BRANCA:

um estudo sobre Lothrop Stoddard e a Ku Klux Klan

SÃO PAULO

2021

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

EROS VIANA DE LIMA PENHA

O DISCURSO ANTICOMUNISTA NO PROJETO DE SUPREMACIA

BRANCA:

um estudo sobre Lothrop Stoddard e a Ku Klux Klan

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito para a obtenção do título de licenciado em história, orientado pelo professor Dr. Antonio Rago Filho

SÃO PAULO

2021

Resumo: Esta pesquisa tem como objetivo elucidar as relações entre o anticomunismo histórico e o racismo histórico na sociedade estadunidense a partir da narrativa do mais infame grupo da supremacia branca, a Ku Klux Klan, em especial a partir do material que um de seus “intelectuais” mais influentes, Lothrop Stoddard, produziu.

Palavras-chave: Anticomunismo; Racismo; Ku Klux Klan; Lothrop Stoddard; Supremacia branca.

Abstract: This research has as its objective to elucidate the relations between the historic anticomunism and the historic racism in the society of the United States, from the narrative of the most infamous of the groups proponents of white supremacy, the Ku Klux Klan, specially from the works that one of its most influent “intelectuals”, Lothrop Stoddard, produced.

Keywords: Anticomunism; Racism; Ku Klux Klan; Lothrop Stoddard; White supremacy.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
DESENVOLVIMENTO	7
Colonialismo e “estado racial”: como se portaram os comunistas?	7
Os comunistas estadunidenses: quem são e o que querem?	13
Anticomunismo e supremacia branca: quem é a KKK?	20
CONCLUSÃO	37
FONTES PRIMÁRIAS:	41
BIBLIOGRAFIA	43

INTRODUÇÃO

A criação e o desenvolvimento das noções de “raça” são inequivocamente temas centrais da modernidade burguesa e do capitalismo como modo de produção¹, sob a égide do qual se ergue uma superestrutura jurídica (MARX, 2008, p. 47) e ideológica daquilo que se convencionou a chamar de *white supremacy*: a supremacia branca, como uma “ideologia da dominação” (MOURA, 1994, p. 28). Esta, por sua vez, se manifesta através de seus muitos anos e muitos defensores, de formas variadas e criativas, adaptando-se às necessidades da manutenção do poder da supremacia branca, com base em uma burguesia também branca, mas sempre tendo como um fio condutor a ideia da superioridade da “civilização branca”, isto é, do grupo de sociedades que formaram o que pensa hoje como a “Europa Ocidental”. Este projeto perpassa e permeia as sociedades que as compõe por muito mais de um século e é amplamente unificado naquilo que se chama de “racismo”, como uma expressão ideológica da supremacia branca.

Como dito anteriormente, este projeto racial se expande, se generaliza e se realiza em diversas partes do mundo, junto com a expansão do capitalismo que realiza sua acumulação primitiva de bases coloniais, temos a expansão do *ethos* da civilização branca ocidental, naquilo que o autor estadunidense Cedric J. Robinson se refere como *racial capitalism* (Capitalismo racial). Este capitalismo racial se dá através da consecução e desenvolvimento das noções de nacionalismo (Ou chauvinismo) e das noções da superioridade racial e a partir da desumanização do escravismo moderno, que foram elementos basilares do processo de formação e de consolidação das sociedades capitalistas, que expandiram sua acumulação por meio da pilhagem e da conquista sangrenta pelo globo quase tão rápido quanto expandiram seu *ethos* civilizatório e, como coloca o comunista negro dos EUA Harry Haywood em sua

¹ “No particular podemos dizer que o racismo moderno nasceu com o capitalismo. Referimo-nos ao racismo como o entendemos modernamente, o qual procura justificar a dominação de um povo, nação ou classe sobre outra invocando argumentos ‘científicos’” (MOURA, 1994, p. 29).

autobiografia² expandiram-se pelo “fardo [civilizatório] do homem branco” (“*white man’s burden*”)³ como justificativa ideológica da barbárie generalizada.

Hawwood está falando diretamente da sociedade estadunidense, sociedade na qual ele vive seus anos de militante e sobre a qual estuda como um intelectual orgânico da classe trabalhadora, quando se refere ao fardo civilizatório do homem branco ele não se refere à uma noção de que desconhece, mas sim de uma que é obrigado e conhecer todos os dias, sob a égide do amplamente notório regime de segregação racial “Jim Crow”, que vigorava com força total nos Estados Unidos. Uma vez apresentado o tema deste trabalho forma mais geral, demonstrando brevemente a modernidade burguesa como a fundadora do capitalismo racial e do “estado racial”⁴ estadunidense que irá originar a sua *herrenvolk democracy* (A democracia do povo escolhido ou do povo eleito), delineio aqui que o escopo desta produção não possui a pretensão de pesquisar o todo desta construção e focar em seu exemplo mais notório: a sociedade dos Estados Unidos da América. Mais especificamente este trabalho se objetiva a entender através do discurso da mais notória organização de ódio que empunhava a teoria da superioridade racial: a *Ku Klux Klan* entre o final década de 10, a partir de 1915, e nas décadas de 1920 e 1930, sobretudo sua permeação nos círculos da vida cotidiana no Sul do país, ou no Norte.

É com este objetivo de entender como se deu a disputa no âmbito da prática organizativa no seio da classe trabalhadora, como uma extensão do entendimento da KKK, irei demonstrar os embates desta organização racista, que faz a afirmação de superioridade racial, contra os comunistas, que tinham no princípio da igualdade o fundamento teórico de sua prática material.

² HAYWOOD, Harry. *Black Bolshevik: Autobiography of an Afro-American Communist*. Chicago: Liberator Press, 1978.

³ *Ibidem*, p.5.

⁴ A Constituição apontada como modelo consagra o nascimento do primeiro Estado racial, enquanto o autogoverno aqui celebrado garante aos proprietários de escravos do Sul o gozo legítimo da sua propriedade sem interferências do governo federal (LOSURDO, p. 262, 2006).

DESENVOLVIMENTO

Colonialismo e “estado racial”: como se portaram os comunistas?

Cabe aqui a questão: qual foi a posição histórica dos comunistas acerca deste primeiro “estado racial”? Um bom lugar para começar as nossas investigações são os livros de Domenico Losurdo e de Kevin B. Anderson, *A luta de classes: uma história política e filosófica* e *Marx nas margens: nacionalismo, etnias e sociedades não ocidentais* que buscam responder essas perguntas, de formas diferentes, olhando para as obras de Marx e Engels⁵, dois dos mais proeminentes teóricos do movimento comunista que influenciaram e pavimentaram a produção teórica dos que viriam depois e se proclamariam comunistas. Para chegarmos à questão da raça devemos antes pensar na chamada “questão colonial”, ponto central dos séculos XIX e XX que é uma expressão maior do mesmo problema da dominação da supremacia branca como já foi explicado, sobre o tema, Losurdo recupera Marx e o põe em seu contexto histórico a defesa da luta que pode se chamar de anticolonial:

Pouco antes de lançar o apelo final pela “revolução comunista” e pela “derrubada violenta de toda ordem social existente”, o Manifesto Comunista chama também à “libertação nacional” da Polônia. Emerge, assim, uma nova palavra de ordem. Desde seus primeiros escritos e intervenções, Engels pronunciou-se pela “libertação da Irlanda”, isto é, a favor da “conquista da independência nacional”, por parte de um povo que sofre “opressão há cinco séculos”. Por sua vez, após reivindicar desde 1847 a “libertação” das “nações oprimidas”, Marx não para de chamar à luta pela “emancipação nacional da Irlanda”. Analisando a situação, a revolução radical invocada por Marx e Engels não persegue apenas a libertação/emancipação da classe oprimida (o proletariado), mas também a libertação/emancipação das nações oprimidas. Depois de apontar brevemente o problema da “libertação nacional” da Polônia, o Manifesto encerra com uma exortação: “Proletários de todos os países, uni-vos!” (LOSURDO, pp. 20-21, 2015).

⁵ Aqui sigo a mesma lógica de Losurdo ao tratar a obra conjunta dos dois como um bloco de mesma produção histórica: “[...] é legítima uma aproximação tão estreita entre os dois? [...] No âmbito de uma divisão do trabalho e de uma distribuição das tarefas pensada e combinada, os dois autores do *Manifesto Comunista* e de outras obras de não menor importância estão em uma relação de constante colaboração e metabolização do pensamento um do outro [...] eles se consideram como membros, ou melhor, como dirigentes de um único “partido”.” (LOSURDO, p. 16, 2015).

É possível ver que esta questão, profundamente conectada à questão racial (É possível argumentar, inclusive, que a questão racial é uma expressão da questão colonial e não diferente dela), estava na ordem do dia para Marx e Engels mesmo em textos mais embrionários de sua produção teórica. Porém, isto ainda nos deixa dúvida: qual foi a posição de ambos sobre o primeiro estado racial a que nos referimos? Podemos encontrar diversas elaborações da dupla sobre este país, em específico no tocante à questão racial nos Estados Unidos, mas talvez a melhor expressão de suas posições sobre a supremacia branca e de como este jugo racial era determinante em um processo de mistificação da classe trabalhadora em geral, isto é, uma afronta contra a própria tomada de consciência da classe trabalhadora em seu objetivo final de emancipação humana, sejam sua produção sobre um singular momento da história dos EUA em que pode se dizer que a supremacia branca foi colocada “nas cordas”: a Guerra Civil Americana.

A Guerra Civil Americana é importante por diversos motivos: pelo seu impacto global, a escala do conflito como um marco moderno da guerra em inovações bélicas-tecnológicas e estratégicas, mas, sobretudo, foi um momento em que se opôs de forma mais clara impossível um projeto evidente de supremacia branca contra um que a questionava, pelo menos em algum nível⁶ mesmo que pelo seu próprio interesse, em sua forma mais violenta e brutal: a escravidão. Losurdo recupera como a dupla fundadora do Marxismo, longe do que alguns⁷ afirmam sobre a noção de luta de classes, que esta seria “reducionista” à questão econômica, que seria “economicista”, propõe um entendimento de luta de classes que vai além de uma “luta pura”, e sim com diversas mediações mais complexas do que uma visão que prega a pureza de um

⁶ Seria um exagero e até mesmo uma posição de falsificação da História afirmar que todos aqueles que se alinharam com a União – o lado do Norte antiescravista, que se opunha à sua contrapartida: os Confederados – eram proponentes do fim da supremacia branca, muitos a queriam só de outra forma com um outro arranjo, mas se opunham à escravidão por motivos diversos, desde morais e religiosos até à econômicos, motivo do qual a introdução da população escravizada como mão de obra e um contingente de consumidores na produção capitalista era imprescindível para o desenvolvimento do capitalismo nos EUA. Como disse no começo, a supremacia branca e o racismo como projetos perpassam a história da modernidade burguesa, em especial dos EUA. O que se seguiu após a Guerra Civil foi só mais um arranjo criativo deste vil projeto.

⁷ Para um debate sobre como foi interpretado esse “economicismo” de Marx e Engels, ver: NIMTZ, August H. *Marx e Engels sobre a Guerra Civil Americana: a “concepção materialista da História” em ação*. In: Escritos sobre a Guerra Civil Americana. São Paulo/Londrina: Editora Aetia, 2020.

suposto economicismo na análise de luta de classes⁸. Nada poderia estar mais errado. Os fundadores do materialismo dialético se propõem a analisar o todo da contradição capital trabalho e as conformações de classe, incluindo o brutal regime de supremacia branca a que estavam sujeitos os negros dos EUA, em sua obra prima, Marx afirma que “O trabalho não pode se emancipar na pele branca, onde na pele negra ele é marcado a ferro” (MARX, p. 372, 2013), em direta referência aos conflitos que tinham se desenrolado no país da América do Norte entre os escravistas do Sul, os Confederados, e os abolicionistas do Norte, a União. O autor d’*O Capital* ainda demonstra diversas vezes seu apoio à causa abolicionista, sendo talvez a passagem mais célebre em uma carta à Lincoln em 1864, em que ele [Marx] exalta a luta e afirma uma questão fundamental que havia se deflagrado nas lutas de classes dos EUA:

Nós cumprimentamos o povo americano em ocasião da vitória por uma grande margem. Se a resistência ao poder dos escravistas foi a palavra de ordem moderada de vossa primeira eleição, o grito de guerra de vossa reeleição é: Morte à Escravidão. Desde o início da luta titânica que conduz a América, os operários da Europa sentem instintivamente que a sorte de sua classe depende da bandeira estrelada (...) então as classes operárias da Europa entenderam imediatamente, antes mesmo que o apoio fanático das classes dominantes europeias à oligarquia confederada houvesse lhes advertido, que a rebelião dos senhores de escravo havia soado o alerta geral da santa cruzada da propriedade privada contra o trabalho e que, para os homens do trabalho, o combate de gigantes travado do outro lado do Atlântico colocava em jogo não apenas suas esperanças no futuro, mas também suas conquistas do passado. (MARX, p. 289, 2020)

Neste breve trecho desta célebre passagem, é possível ver como Marx conecta a luta das classes oprimidas em dois continentes e procede a afirmar, neste mesmo texto, que há uma contaminação da República pela escravidão, e que a escravidão da “raça acorrentada” cria uma falsa imagem de liberdade para o operário branco, que se crê livre, mesmo que essa liberdade seja para “vender a si mesmos e escolher seus patrões”, que isso os tornou “incapazes de combater em prol da verdadeira emancipação do trabalho (...)” (MARX, pp. 289-290, 2020). Efetivamente, o que Marx denuncia aqui é o elemento de mistificação que traz a ideologia da superioridade racial contra a própria luta de classes: o operário branco se vê como um superior a sua

⁸ Certamente, o caráter “impuro” da Guerra de Secessão era ainda mais marcado e mais evidente, e não somente pelo fato de que o conflito não era (ao menos à primeira vista) entre uma classe dominante e uma classe oprimida. (LOSURDO, p. 40, 2015).

contrapartida, o homem negro e que, ao participar do regime de supremacia branca, este homem tomava o lado de seu opressor, o patronato industrial estadunidense, que se utilizava desta mistificante e deturpada ideologia para criar uma cisão entre uma classe que estava sujeita ao seu domínio e que, de forma conjunta, talvez a pudesse derrubar. Como Kevin B. Anderson conclui em seu estudo: “Novamente, a força da perspectiva teórica de Marx reside em sua recusa a separar essas questões da crítica do capital, algo que lhes dá um contexto mais amplo, sem dissolver a etnia, a raça ou a nacionalidade na classe” (ANDERSON, p, 356, 2019).

Se é possível encontrar referências diretamente de Marx e Engels em aberta oposição aos processos de colonização da Irlanda, da Índia, do czarismo contra a Polônia e até mesmo em oposição ao genocídio dos nativos da América do Norte⁹, será a dupla um “ponto fora da curva” no movimento comunista internacional? Pelo contrário. A linha que se segue de Marx e Engels até a próxima grande figura do movimento, Vladimir Lênin, e os comunistas da Terceira Internacional, é carregada da mesma animosidade frente ao colonialismo e às questões que envolvem a supremacia branca. A Comintern em sua história geral de sua criação a seu fim, mas sobretudo sob a liderança de Lênin, manteve uma firme posição anticolonial. É sob a égide da liderança de Lênin que é criada a Comintern. Esta organização renega a Segunda Internacional em muitos aspectos, um de seus principais justamente sendo o apoio dos grandes quadros da Segunda Internacional à empreitada colonial, como o faz Bernstein¹⁰. Se em Marx temos o início de um apoio à revolução anticolonial, em Lênin

⁹ [...] a Companhia e seus funcionários deixaram-se presentear pelos indianos com £6 milhões! Entre 1769 e 1770, os ingleses provocaram um surto de fome por meio da compra de todo arroz e pela recusa de revendê-lo, a não ser por preços fabulosos. O tratamento dispensado aos nativos era, naturalmente, o mais terrível nas plantações destinadas exclusivamente à exportação, como nas Índias Ocidentais e nos países ricos e densamente povoados, entregues à matança e ao saqueio, como o México e as Índias Orientais. [...], um prêmio de £40 para cada escalpo indígena e cada pele-vermelha capturado; em 1720, um prêmio de £100 para cada escalpo; em 1744, depois de Massachusetts-Bay ter declarado certa tribo como rebelde, os seguintes preços: £100 da nova moeda para o escalpo masculino, a partir de 12 anos de idade; £105 para prisioneiros masculinos, £50 para mulheres e crianças capturadas, £50 para escalpos de mulheres e crianças! Algumas décadas mais tarde, o sistema colonial vingou-se nos descendentes [...] Com incentivo e pagamento inglês, foram mortos a golpes de tomahawk. O Parlamento britânico declarou os cães de caça e o escalpelamento como “meios que Deus e a Natureza puseram em suas mãos”.(MARX, pp. 822-823, 2013).

¹⁰ E, contudo, na sua celebração da expansão colonial, Bernstein considera que pode reivindicar Marx “Só se pode reconhecer um direito condicionado a esses selvagens sobre os territórios por eles ocupados. A civilização superior tem aqui, em última análise, também um direito superior. Não é a conquista, mas o cultivo do solo que cria o título jurídico histórico à sua utilização.” (LOSURDO, p. 31, 2020)..

temos a afirmação de que a revolução anticolonial era condição *sine qua non* da revolução proletária, como recupera Losurdo:

Crer que a revolução social é possível sem as insurreições das pequenas nações nas colônias e na Europa [...] significa rejeitar a revolução social [...] É como se, de um lado, se formasse um exército e dissesse: "Defendemos o socialismo", e, de outro, se formasse um exército e dissesse "Defendemos o imperialismo", e essa seria a revolução social! Somente de um ponto de vista tão pedante e ridículo seria possível afirmar que a insurreição irlandesa é um *putsch*. Quem esperar por uma revolução social "pura" nunca a verá. É um revolucionário da boca para fora, que não entende a verdadeira revolução. (LÊNIN apud LOSURDO, p. 52, 2018).

Se frente a essa questão, Lênin consistentemente afirmou tal posição, mesmo em um período pré-revolucionário, diante da revolução e durante o seu percurso revolucionário, o grande dirigente dos bolcheviques não só reafirma o seu compromisso e a necessidade de uma ação anti-colonial e anti-imperialista coordenada, mas se aumenta também o espaço que a retórica anti-colonial tem em seu discurso e, mais importante em sua prática, que leva uma "[...] renúncia ao 'social-patriotismo' e ao reformismo [...]" (FOSTER, p. 102, 2020) e que deve "[...] denunciar o imperialismo no próprio país [...]" (Ibid., p. 102) como práticas básicas. Me refiro, é claro, ao II Congresso de 1920 e ao Congresso dos Povos do Oriente (Ou "Congresso de Baku"), também de 1920. O II Congresso foi importante pela elaboração das "21 condições (Ou 21 pontos) para a admissão na Internacional Comunista", escritas em sua maioria por Lênin para serem levadas ao debate, mas que foram em sua maioria ratificadas. Dentre elas temos a oitava tese, que declara:

8. Na questão colonial e das nações oprimidas, é indispensável que tenham uma linha particularmente clara e precisa os Partidos dos países cuja burguesia possui colônias e oprime outros povos. Os Partidos que desejam filiar-se à 3.^a Internacional devem denunciar implacavelmente as artimanhas de "seus" imperialistas nas colônias; apoiar os movimentos de libertação nas colônias não somente em palavras, mas também em atos; exigir a expulsão de seus compatriotas imperialistas das colônias; cultivar nos corações dos operários de seus países um sentimento fraternal sincero para com a população trabalhadora das colônias e das nações oprimidas; e realizar entre as tropas da metrópole uma agitação sistemática contra todo tipo de opressão dos povos coloniais. (Tradução da Revista Estudos, edição n.º 2 de 1971, pp. 102-106).

É possível ver como agora o anticolonialismo sendo um elemento básico para admissão à Comintern semeou o solo para a longa aproximação de membros dos povos coloniais na Comintern, com a subsequente criação de diversos Partidos Comunistas (PC) ao estilo bolchevique (O chamado "partido de novo tipo") em países colonizados.

Diferentemente da Segunda Internacional, a que Lênin afirma que: "A II Internacional também discutiu a questão colonial [...] prometeram seguir no caminho revolucionário, mas nós vimos que nenhum verdadeiro trabalho revolucionário e de ajuda aos povos explorados e oprimidos foi feito (LÊNIN apud FOSTER, p. 110, 2020). O Segundo Congresso também foi importante para o proletariado global entrar em contato com a questão do povo negro dos EUA, já que "Foi nesta famosa resolução que Lenin caracterizou o povo negro nos Estados Unidos como uma nação subjugada, junto aos irlandeses e outros povos das colônias" (FOSTER, p. 105, 2020).

O subsequente e já mencionado Congresso de Baku também faz uma importante contribuição à luta anticolonial, com uma organização de povos que vinham de diversos países brutalizados pela barbárie colonial, nele: "Três importantes resoluções foram adotadas, que seguem a linha geral anti-imperialista leninista sobre a luta nos países coloniais. Foi criado um conselho de 42 membros representando 20 nacionalidades [...]" (FOSTER, p. 114, 2020).

Ainda sobre este mesmo evento, Losurdo recupera um importante detalhe, embora pareça "pequeno" demonstrava a seriedade sobre o tema que os membros da III Internacional deveriam ter:

O Congresso dos Povos do Oriente, ocorrido em Baku no verão de 1920, logo após o II Congresso da Internacional Comunista, tratou de reiterar e oficializar esse ponto de vista. Esse congresso sentia a necessidade de complementar o lema que encerra o *Manifesto do Partido Comunista* e o *Vocativo inaugural* da Associação Internacional dos Trabalhadores. O novo lema era: "Proletários de todos os países e povos oprimidos do mundo inteiro, uni-vos!". (LOSURDO, p. 52, 2018).

Os comunistas estadunidenses: quem são e o que querem?

Uma vez recuperados de forma breve os antecedentes que legam a história do movimento comunista com a luta anticolonial, em suas contribuições e seus descaminhos, é possível finalmente focarmos nosso olhar nos Estados Unidos, objeto deste estudo e local no qual se travará talvez de forma mais explícita os projetos da luta comunista em oposição constante e aberta com o projeto da supremacia branca. Perguntar quem eram os comunistas estadunidenses nos torna capazes de entender algumas coisas sobre para quem o discurso comunista de igualdade e de emancipação humana apelava, e, para além disso, qual era o contraponto mais ferrenho que a KKK havia encontrado até então em sua história.

Ao pensar nos EUA do começo do século XX, não há como ignorar um regime de segregação racial que era virtualmente onipresente nos EUA tanto no Norte, supostamente mais “progressista”, quanto no Sul, a tônica da história dos EUA até o momento havia sido e continuaria sendo a brutal e vil perseguição da população negra em todo seu extenso território (TYSON, pp. 30-31, 2020). Nos primeiros anos de organização dos partidos de tendências trabalhistas e socialistas nos EUA, como é o caso do *Socialist Labor Party* (SLP, Partido Socialista do Trabalho) fundado em 1876, o nacionalismo e a identificação nacional, bem como o seu predecessor lógico em forma da identificação étnica com seus pares, foram os maiores aliados e os maiores inimigos do movimento: ao mesmo tempo que a seção classe trabalhadora formada por imigrantes europeus que estavam acostumados e bem familiarizados com movimentos sindicais, sejam os trade unionistas (Reformistas) ou sejam os revolucionários, foi importante para o estabelecimento de uma classe que conhecia os funcionamentos do movimento sindical, por outro lado havia um forte teor chauvinista e até racista em sua configuração, como retoma o autor de *Black Marxism: The Making of the Black Radical Tradition* (Marxismo Negro: o fazer-se da tradição negra radical):

[...] a maior parte destes trabalhadores imigrantes europeus tinham vindo de sociedades nas quais movimentos trabalhistas já estavam desenvolvidos. Na realidade a maior parte desses movimentos havia, já

no meio do século XIX, desenvolvido um complexo único de táticas, estratégia e ideologia. [...] Theodore Draper observa: Do próprio início, o movimento Socialista Americano foi peculiarmente devedor aos imigrantes por ambos seus progressos e por seus problemas. A primeira convenção do Socialist Labor Party em 1877 foi composta de dezessete seções Alemãs, sete Inglesas, três Boêmias, uma Francesa e uma seção geral das mulheres. Imigrantes naturalmente assumiram o papel de professores e organizadores, mas eles estavam mais preocupados em ensinar e organizar a si mesmos. O Socialist Labor Party nunca foi mais do que uma cabeça americana em um corpo imigrante [...] Isto, então, foi uma contradição crítica no desenvolvimento do socialismo americano inicial. O princípio da organização era étnico e ao mesmo tempo o nacionalismo – uma conclusão lógica da etnia – isto colocava em perigo e frustrava a unidade socialista. A etnia dominava o movimento organizacionalmente, ideologicamente, conceitualmente e teoricamente. (ROBINSON, pp. 209-210, 1983, tradução própria).

Estes problemas não se findaram aí, eles serão recorrentes através de toda a história dos movimentos do trabalho organizado dos EUA, inclusive dentro do movimento comunista, que, como coloca o já citado Robinson, surge em um período de “grande confusão teórica e ideológica” (Ibid, p. 211, 1983, tradução própria). Havia, via de regra, uma separação até mesmo nas conformações do trabalho negro e no trabalho branco, sobretudo imigrante. Os imigrantes, falando de forma generalizada e grosseira, assumiram postos geralmente no trabalho especializado operário das fábricas, enquanto a população negra assumiu postos de trabalho ligados à terra e ao seu cultivo, especialmente no Sul¹¹, embora houvesse uma tendência de êxodo da população negra (Conhecida como *Great Migration*, “Grande Migração”, ou *Great Northward Migration*, “Grande Migração em direção ao Norte”, ou ainda *Black Migration*, “Migração Negra”) ao Norte, formando uma classe trabalhadora urbana ao Norte, a vida do trabalhador negro estava, via de regra, mais sujeita às condições do trabalho do campo, e, por isso este era o foco principal do movimento quando se tangia à questão negra (HAYWOOD, p. 169, 2020). Isto, junto com resoluções da Comintern já mencionadas, será importante para a fundamentação teórica de dois pensamentos pertencentes aos comunistas estadunidenses que mantém relação entre si: o

¹¹ [...] como vimos, o trabalhador agrário Africano e Afro-Americano havia suprido a mais-valia crítica que apoiou a transformação da economia em uma que era industrializada e em última análise, intensiva de capital. Em contrapartida, o imigrante europeu do fim do XIX – expropriado, treinado, reproduzido e disciplinado pelos setores europeus da economia global (Na Alemanha, Inglaterra, Irlanda e Itália, primariamente) – constituíam as forças de trabalho desenvolvidas de forma única e historicamente necessárias para a transformação industrial americana. (Ibid, 209, 1983, tradução própria)

pensamento do *Black Belt* (Cinturão Negro) e o de que haveria uma vanguarda revolucionária camponesa negra, como irei explicar.

É impossível falar da formação do movimento comunista dos EUA sem falar destes movimentos sindicais e de grupos como o SLP, mas tão importante para a formação do partido comunista dos EUA, o *Communist Party of the United States of America* (CPUSA), é um movimento chamado *African Blood Brotherhood*. O movimento é considerado precursor e fundamental para a integração racial do CPUSA, ambos são de 1919 e são resultados de seu momento histórico. É nele que diversos militantes históricos do CPUSA se organizaram inicialmente e depois o transformaram em um braço de agitação e propaganda da luta comunista especialmente para a população afro-americana dos EUA. Em um capítulo de sua autobiografia¹², Harry Haywood um militante histórico do CPUSA, relembra como a experiência da Primeira Guerra teve um grande impacto em sua radicalização, fazendo parte de um regimento negro, segregado, em terras estrangeiras onde seus próprios “compatriotas” do exército racista espalhavam mentiras racistas sobre ele. A volta para a casa trouxe a realidade de seu país ainda mais forte. Esta não foi uma realidade isolada de Haywood, que, junto aos diversos homens e mulheres afrodescendentes buscaram organizar-se. O CPUSA havia se formado também a partir do racha com o *Socialist Party of America*, seguindo os eventos da Revolução Russa, buscando um alinhamento à Terceira Internacional.

O partido logo se tornou um instrumento da luta de classes, com um de seus maiores objetivos sendo o de findar a vil e brutal segregação *de jure* e *de facto* que vitimava a população negra dos EUA e encontrou um fértil solo, mesmo em meio à cruzada anticomunista que havia sido começada anos antes, com as *Palmer Raids*, que demonstraram a potência do primeiro *Red Scare* da História dos EUA¹³, época em

¹² Ver o capítulo *A Black Regiment in World War I* do livro *Black Bolshevik: Autobiography of an Afro-American Communist*.

¹³ As chamadas “*Palmer Raids*” (Traduzidas literalmente como “Incursões de Palmer”, mas a tradução mais fidedigna seria “Batidas de Palmer”, no sentido de batidas policiais) foram processos judiciais conduzidos pelo Departamento de Justiça dos EUA entre 1919 e 1920, em reação aos movimentos socialistas ou com tendências de esquerda, sobretudo contra imigrantes italianos e judeus. As *Palmer Raids* foram um dos exemplos mais claros do primeiro *Red scare* (Terror vermelho) nos EUA, seguindo a Revolução Russa, o medo e a perseguição anticomunista e “anti-bolchevique” foram abundantes, como irei tratar mais adiante neste trabalho.

que grupos de ódio, especialmente a KKK verão surgir um chamado “*Revival*” (Reavivamento) ou “*Second coming*” (Segunda vinda) do meio para o final da década de 1910 e no início da década de 1920 (CHALMERS, 1987; GORDON, 2017). A composição étnica do partido comunista, bem como o de vários setores dos movimentos organizados de esquerda radical e revolucionária também é algo a se notar, frente a sociedade mais segregada do mundo, o CPUSA chamava atenção justamente pelo seu apelo ao fim da segregação com membros de raças diferentes, coisa que levou o partido a angariar apelidos pejorativos e insultos:

Em 1930, um colunista do Daily Worker [Jornal do Partido Comunista] previu que o Partido Comunista no Sul seria composto de jovens brancos “que não são rebaixados pelo peso dos preconceitos dos seus pais”. Mas a realidade histórica, como mostramos até aqui, tinha pouco em comum com a visão deste autor de uma juventude branca rebelde liderando a até aqui as massas negras adormecidas em uma marcha para a autodeterminação. De fato, a prevalência de negros no PC ganhou o epíteto de “Partido Crioulo”¹⁴ por todo o Sul. (KELLEY, p. 92, 1990, tradução própria).

O processo de identificação com a esquerda radical (Sejam anarquistas, comunistas ou outras vertentes) logo sofreu uma mutação metonímica dentro e fora do partido: a identificação da população negra dos EUA com os “comunistas” (Termo geral e impreciso utilizado para designar qualquer coisa à esquerda da literal segregação e do linchamento de negros) ao mesmo tempo tornavam os comunistas agentes e amantes destes negros, bem como todos os negros, ou quaisquer outras “raças inferiores” consideradas por eles, como judeus¹⁵, mexicanos¹⁶ e eslavos. O processo

¹⁴ Aqui cabe uma importante nota de tradução, a palavra que o autor se refere aqui é a chamada “n-word”, ou “a palavra com n”, a qual não é possível não se referir ao estudar este período ou este tema, especialmente utilizando-me, como faço, de material que possui citações às fontes primárias coevas da época. Julgo que a palavra com n é ofensiva demais para ser reproduzida, especialmente pelo fato de que eu, o autor, ser branco. A palavra foi amplamente traduzida como “crioulo”, e algumas vezes como “preto” de forma pejorativa, mas nenhum dos dois sentidos da palavra traduzida em português convém a especificidade da ofensa que esta palavra tem em inglês, que continua sendo utilizada para vitimar estadunidenses negros. Por isso, me abstenho aqui de utilizá-la com o aviso ao leitor de que sempre que a palavra “crioulo” for utilizada, me refiro à palavra com n.

¹⁵ Eles estigmatizavam os Judeus como ambos congenitamente estúpidos — os testes do eugenista Henry Goddard supostamente mostrava que 60 por cento dos judeus eram débeis mentais — e comunistas diabolicamente espertos mesmo sendo ávidos gananciosos, espremendo dinheiro dos virtuosos protestantes. (GORDON, p. 49, 2017, tradução própria)

¹⁶ No Sul do Oregon e da Califórnia, a Klan também tinha como um alvo mexicanos-estadunidenses, bem como nacionais mexicanos que vinham ao norte para trabalhar na agricultura. Hiram Evans balançou uma linha anticomunista para angariar maior apoio: “Milhares de mexicanos, muitos deles comunistas, estão esperando uma chance para cruzar o Rio Grande” (Ibid, p. 85, 2017, tradução própria).

de tomada de consciência da classe trabalhadora organizada no PC dos EUA em superação de seu chauvinismo étnico-racial, como dito anteriormente, não foi um processo fácil e nem mesmo inequívoco. É necessário lembrar que nos anos formantes vamos ter dois casos que ilustram bem este problema: o primeiro de uma posição clara em apoio à luta dos negros, que será só consolidada oficialmente com a intervenção direta da Comintern, como nos conta o autor trotskista Ahmed Shawki, estudioso do assunto, há um apelo de um famoso autor que via pouca seriedade no esforço para trazer o contingente da população negra ao partido:

Os argumentos de Reed não se enraizaram até que o partido russo interveio. “Os comunistas americanos receberam uma carta de Lênin algum dia em 1921 [...] expressando surpresa de que os relatos deles a Moscou não mencionavam o trabalho do partido entre os Negros e insistindo que eles deveriam ser reconhecidos como elemento estrategicamente importante na atividade comunista”. O Quarto Congresso do Comintern, em 1922, adotou as “Teses sobre a questão Negra” da Comissão Nacional e Colonial. (SHAWKI, p. 163, 2017).

O segundo problema que nos serve de exemplo de como esses problemas persistiam e como eram levados essa questão do chauvinismo pelo PC se dá em 1931, quem nos conta é o próprio Harry Haywood, que vivenciou este evento, o julgamento e os efeitos que esta lição histórica pôde dar ao movimento comunista:

Um marco histórico no desenvolvimento do nosso trabalho foi o julgamento público de August Yokinen. Neste julgamento o caso de discriminação feita por um membro branco do partido contra os Negros foi razão para uma manifestação política na qual o programa do Partido sobre a questão negra e a luta contra o chauvinismo foram interpretados como sendo ato de enorme efeito sobre as mais amplas massas do país [...] “aquilo foi um desafio público que colocava à tona os princípios básicos dos relacionamentos sociais nos EUA- A instituição das leis de Jim-Crow... A expulsão de Yokinen, expressando nossa declaração de guerra contra o chauvinismo branco, exprimiu uma influência enorme para que as massas de trabalhadores negros se aproximassem de nós.” Neste julgamento o Partido alcançou um grande avanço na educação de seus quadros e das massas próximas ao Partido em nosso programa sobre a Questão Negra. Isto se explicitou particularmente no caso do Camarada Yoniken, que depois de seis meses, voltou ao partido como um dos maiores entusiastas do programa para a libertação do povo negro, e como resultado de sua posição militante no assunto, foi deportado pelo governo racista do imperialismo. (HAYWOOD, 2019).

O próprio Haywood afirma que este evento foi importante para a consolidação do pensamento de luta contra o chauvinismo e para preparar o movimento em si para o que viria depois: o caso dos *Scottsboro Boys* (Garotos de Scottsboro). Em 1931, o caso que ganhou repercussão nacional de nove garotos que foram falsamente acusados de estupro contou com uma mobilização em massa jamais antes vista com a vanguarda explícita do movimento comunista, em particular do CPUSA. Com o medo de cansar o leitor, chamo novamente a análise de Haywood deste evento:

[...] foi possível aproveitar efetivamente a questão para articular ao redor destes garotos o desenvolvimento de uma campanha de ação de massas para expor o sistema nacional de opressão contra os negros por inteiro. A campanha de Scottsboro marcou a primeira mobilização de alcance nacional de massas pelo Partido de luta concreta contra uma das pedras fundamentais da opressão contra os Negros - a instituição do linchamento. Através da luta neste aspecto o Partido foi capaz de trazer a tona seu programa para as massas do proletariado negro e branco, aglutinando sua simpatia e confiança. Scottsboro, como primeira batalha conduzida pelo partido a frente da Frente Nacional Pela Libertação Negra, fez muito em romper com as barreiras tradicionais do chauvinismo e desconfiança separando os trabalhadores negros e brancos. Esta luta, que foi agrupada com uma exposição política do papel traiçoeiro da burguesia negra reformista da NAACP [...] (Ibid, 2019).

Também nesta época que temos dentro do partido o surgimento do posicionamento do *Black Belt*, já mencionado, advindo de teses leninistas de autodeterminação. Este posicionamento flutua e se contradiz a nível internacional, com a Comintern já sob a égide de Stalin, o partido sofrerá influências que irão hora reafirmar a posição, hora negá-la, a depender dos rumos das lutas de classes internacionais, especialmente no que tange a busca de Stalin por um alinhamento com as democracias liberais-burguesas no que tange um posicionamento contra o surgimento do fascismo, outro tópico em que, como Shawki nos conta, sofrerá uma “virada de 180 graus na Comintern”, que vai do “sectarismo lunático dos PCs de 1929-1934” à tática de frentes populares (SHAWKI, p. 170, 2017). Do outro lado, Trotsky afirmava a diferença do chauvinismo e do nacionalismo negro, o qual ele apoiava, em histórica aproximação com o histórico militante trotskista C.L.R. James, autor do clássico *Jacobinos negros*, quem nos conta é novamente Shawki:[...] “Trotsky advertiu que racismo e nacionalismo Negro eram fundamentalmente diferentes. Como

tal, ele incitou uma ‘luta impiedosa [...] senão contra os preconceitos colossais dos trabalhadores brancos e jamais fazer qualquer concessão a eles’” (Ibid, p. 174, 2017)

Seja como for a Comintern, seja sob a égide da teoria “simplista” e “autoritativa” de Stalin (ROBINSON, p. 63, 1983) ou seja sob a égide da mais complexa formulação de Lênin, ou melhor de forma mais abrangente, o movimento comunista como um todo, seja ele representado por Trotsky, Lênin ou Stalin, gozava de prestígio em todo o mundo colonial, mas em especial nos bairros segregados de Norte a Sul nos Estados Unidos (Ibid, p. 208, 1983). Pois bem, temos aqui apresentado uma breve retomada da formação histórica do movimento comunista nos EUA em seus caminhos e descaminhos.

Anticomunismo e supremacia branca: quem é a KKK?

A História da Klan, por motivos que irei demonstrar, se confunde com a História da formação da própria sociedade estadunidense no seu pós-guerra civil. A sociedade que se formava neste período histórico, chamado de “Reconstrução”, trazia inúmeras contradições consigo: ex-escravizados e ex-donos de escravos andavam pelas mesmas ruas, Confederados que deram a sua vida para que pudessem ter o direito à escravizar outras vidas agora se integravam à sociedade que tentaram liquidar, mas talvez a mais estranha e inquietante contradição do pós-guerra era o sentimento, ou o fato, que em algum nível, a Guerra Civil havia sido uma guerra feita para que a mudança viesse e, assim, tudo pudesse permanecer igual, como nos explica Harry Haywood:

No Sul, um produto direto da vitória do Norte foi a nova classe média Bourbon [...] foi uma extensão dos interesses dominantes dos capitalistas do Norte sobre o Sul, e que garantia a supremacia destes últimos sobre o antigo domínio escravista [...] O capitalismo do Norte – tendo conquistado seus principais objetivos econômicos e políticos, e assegurados o controle do mercado do Sul e a penetração capitalista na região – havia logrado seu principal programa [...] Buscava a “paz social” e o “retorno à normalidade” para arrancar os resultados da pilhagem do novo mercado conquistado [...] Funcionava aqui principalmente como um capital usurário, impulsionando e preservando as sobrevivências econômicas e sociais da ordem escravista descartada. (HAYWOOD, p. 79, 2020).

A formação econômica do Sul no pós-guerra é recheada de um fluxo de capitais do Norte, junto também com uma manutenção da base agrária com trabalho realizada por diversas formas de superexploração do trabalho, em especial da força de trabalho negra. As décadas que se seguiram depois da Guerra Civil, foram décadas em que a elite branca traçava uma linha tênue: de um lado a necessidade de uma existência social “pacífica”, ou pelo menos a visão de uma existência social pacífica, de outro a manutenção do regime de *white supremacy* fundamentalmente baseado na violência onipresente contra a população negra e com qualquer um, de qualquer raça, que prestasse seu apoio ou algum nível de solidariedade aos que deveriam ser subjugados.

Esta conformação histórica e econômica foi o palco do surgimento de um dos mais infames grupos que eram proponentes da supremacia branca: a Ku Klux Klan. A Klan existe entre três eras históricas, com conformações específicas ligadas aos seus contextos históricos e socioeconômicos. Neste trabalho, falaremos brevemente da primeira era e, com maior extensão e detalhamento, da segunda era, que é o grupo que toma as enormes proporções que conhecemos, com profunda permeabilidade na sociedade estadunidense.

A primeira KKK é formada em 1865, no Tennessee, por 6 ex-membros do exército Confederado (CHALMERS, pp. 8-9, 1987), que havia lutado nos anos de guerra pela manutenção da mais brutal forma de subjugação e de exploração do homem pelo homem: a escravidão moderna. Já em sua questão embrionária, é possível ver a ligação profunda a Klan com os ideais escravagistas dos Confederados, derrotados anos antes pela União e pelo projeto abolicionista como um todo. Nesta primeira “vinda” da KKK, temos uma utilização generalizada da violência, assim como em toda a história da Klan, com foco na utilização de métodos violentos contra “negros que não soubessem seu lugar”, isto é, negros que participassem de organizações políticas, do exército e que, em geral, se “insubordinassem” minimamente contra o sistema brutal em que viviam e aqueles que tivessem alguma “solidariedade” com negros, isto é, oficiais de algum cargo administrativo que não se recusassem a registrar negros, eles atacavam júris que tinham qualquer nível de favorecimento à qualquer decisão judicial que a KKK considerava a favor dos negros (Ibid, p. 10, 1987).

Se é possível se dizer que os métodos violentos que chamaram a atenção e foram suas brutais práticas que marcaram essa primeira vinda da Klan que é possível se dizer que logrou certo sucesso em sua infâmia e fama por estes atos, já na parte organizativa, houve uma falha monumental em sua falta de organização e incapacidade de se “nacionalizar”, que geraram um grande problema de coordenação e controle centralizado dos seus membros, suficiente para desbandar a KKK. Para sumarizar este primeiro período de sua história de brutal violência, recorro à literatura especializada, que nos conta sobre a primeira *Klan*, em especial sobre suas falhas e descaminhos em sua organização, ou desorganização, inicial:

A Klan nasceu durante os inquietos dias depois da Guerra Civil, quando tudo estava desarrumado no Sul e a ordem social estava [...] virada de cabeça para baixo. Como uma organização secreta e noturna, operando durante tempos sem lei, a Klan logo se tornou a força vigilante. Restaurar a ordem significava retornar o Negro ao campo – tão quanto ele não se desse bem ali – e os líderes pré-guerra aos seus antigos lugares de poder [...] Embora líderes mais sóbrios montaram uma hierarquia organizada centralizada, pelo propósito de melhor coordenação e controle, seu sucesso foi limitado. Os antros locais provaram-se incontroláveis e continuaram a operar por motivos privados e políticos, até mesmo depois que o *Imperial Wizard* [Mago Imperial] Nathan Bedford Forrest formalmente dissolveu a Klan em 1869. Condições mutáveis e a lei marcial finalmente combinaram-se para acabar com o Império Invisível em 1871, mas a memória da Ku Klux Klan permaneceu como um bem lembrado mito do folclore do Sul. (Ibid, p. 2, 1987).

Se a primeira Klan tem seu fim em 1871, a segunda Klan, que elevaria o escopo do vil terror de seus atos a um novo patamar, tem seu renascimento em 1915. Para começar a falar das deturpadas ideologias que encarnavam essa “nova Klan”, é necessário olhar para a amplitude das ideologias que conformavam a sociedade em geral e das deturpadas e deturpadoras ideologias racistas. Vivia-se a época do “racismo científico”, termo generalista para designar uma miríade de formas de pseudociência, com contradições e distensões internas entre si, que vão se conectar em uma só afirmação: a superioridade da raça branca.

Um exemplo da deturpação ideológica e da automistificação é tanta que haverá, durante o auge da escravidão, a formulação de uma teoria com o aval de “científico” na época, que explicava o motivo pelo qual o escravo queria fugir de seu cativeiro. A explicação, segundo tal teoria, era de que o negro era governado por emoções fortes e tinha a mentalidade de uma criança e que, assim como uma criança que não pode evitar de amar sua bondosa mãe, o negro tinha um sentimento natural de total devoção ao seu bondoso mestre, a cura para esta doença era apenas continuar tratando este escravizado como criança (GOULD, p. 71, 2014). A ideologia da drapetomania, nome que se deu à “ciência” que acabei de explicar, não estava sozinha e nem tão pouco era uma exceção. Ela se junto ao atavismo, ao inatismo, à escala de Binet, à craniometria, dentre outros.

De Agassiz, Binet e Goddard até Galton, Gobineau e Lombroso, não eram poucas as “confirmações científicas” da superioridade da raça branca, como desvenda Gould em sua ótima obra sobre o tema. Todas com extensas mentiras e falsificações, intencionais ou não, de dados. Era a época do “racismo científico”, termo generalista para designar uma miríade de formas de pseudociência, com contradições e distensões internas entre si, que vão se conectar em uma só afirmação: a superioridade da raça branca. Assim como toda a forma de ideologia superestrutural, a ideologia da dominação e da superioridade branca surge em função de ratificar, ou melhor de confirmar as práticas de dominação *já existentes*.

É neste solo em que a Klan se enraíza, suas vis ideias não eram coisa aberrante à uma sociedade escravista que tinha “explicações científicas” prontas para afirmar a supremacia branca. Chegando finalmente nesta sua segunda vinda, ela tem três grandes eventos que a catapultam para a cena nacional política da vida estadunidense:

Dois eventos de mídia e um linchamento catalisaram a erupção da segunda Ku Klux Klan. [...] o filme “Nascimento de uma Nação”, lançado em 1915 como uma adaptação da novela de 1905 de Thomas Dixon “The Clansman”. O filme mostrava escravos recém libertos causando alvoroço, com o objetivo de estuprar mulheres brancas [...] Neste filme, a primeira Ku Klux Klan estrela como defensores das “mulheres brancas”. O filme atingiu uma larga audiência, incluindo o presidente Woodrow Wilson, que fez uma exibição dele na Casa Branca – a primeira vez que qualquer filme foi mostrado ali – e elogiou com força [...] Segundo, mais tarde em 1915 veio o linchamento de Leo Frank, um homem de negócios judeu de Atlanta falsamente acusado de estupro e assassinato. Então, duas publicações contribuíram também: em 1920 Henry Ford publicou os “Protocolos dos Sábios de Sião” e distribuiu meio milhão de cópias. Uma falsificação, os “Protocolos” afirmavam ser as atas de uma reunião do final do séc. XIX onde líderes judeus discutiam seus objetivos de dominação global através do controle do sistema financeiro e da mídia. Então Ford publicou uma série de noventa e um artigos, “O Judeu Internacional: o Problema do Mundo”, em seu jornal, o Dearborn Independent. Estes artigos constituíram uma extensiva reclamação nas mesmas linhas dos “Protocolos”. (GORDON, p. 11, 2017)

Se a autora nos dá três eventos para entender refundação da Klan na cena política, eu acrescento aqui um quarto: a Revolução Russa. Os eventos que transpassaram no antigo Império Russo em 1917 ofereceram um novo elemento

perfeito para o pânico moral que era o método já testado e aprovado pela KKK, junto à um *Red Scare* que já foi explicado neste trabalho, a Klan saltou para o banco da frente da política estadunidense com seu forte anticomunismo e ninguém parece demonstrar esta tendência tão bem quanto Lothrop Stoddard. Esta é uma figura-chave deste trabalho, já que ele produziu um grande número de material que hoje é fonte primária, nos oferece um olhar desde a visão “interna” da Klan, preocupada com uma “fundamentação teórica”. Evidentemente que a palavra “teórica” aqui, está sendo em seu sentido lato, já que as formulações imediatamente ideológicas que mal eram consistentes internamente não podem ser consideradas teoria, mas era claramente o objetivo de Stoddard: dar uma “roupagem teórica”. Para tanto, a sua reação à Rev. Russa tinha de chocar e amedrontar a “civilização branca”, e foi exatamente isto que ele fez.

Em um breve artigo de 1918 na publicação *The Unpopular Review*, Stoddard escreve um artigo intitulado *Some reflections on Revolution* (Algumas reflexões sobre Revolução). O artigo demonstra já o tom de preocupação com a revolução destas “raças inferiores” e com a miscigenação, que seguiria a vida de Stoddard e que permearia o discurso da Klan de forma profunda e profusa, e tinha como objetivo oferecer o medo deste mal que era o comunismo. No artigo Stoddard vê “Boa razão para acreditar que isto é meramente o começo de uma onda de inquietação que irá se espalhar pelo mundo inteiro e afetar todas as pessoas civilizadas” (STODDARD, p. 385, 1918, tradução própria). Stoddard parece contente em remover todas as contradições de classe possível, fazendo uma “análise histórica” de eventos similares à Rev. Russa e das suas causas. Oferecendo uma explicação “histórica” para a estes eventos com uma “regra geral” da ideia de que há três tipos de sociedade:

Nós podemos, então, dividir sociedades em três categorias: aquelas nas quais a raça e as instituições estão ambas sadias, aquelas em que uma está sadia e a outra está doente, e aquelas em que ambas estão doentes. Sociedades da primeira categoria têm pouca causa para o alarme, seja lá o quão severo o processo de adaptação ela seja chamada a sofrer. Com o mínimo de distúrbio, elas irão resistir à tempestade com sucesso. Sociedades da segunda classe terão sérios problemas, mas após um período mais ou menos longo de revolução, elas irão provavelmente conseguir se sair bem. Sociedades da terceira categoria irão cair em anarquia crônica terminando em despotismo de

ferro ou em conquista estrangeira. (Ibid, p. 386, 1918, 1918, tradução própria).

Não surpreendentemente, ele “encontra” as causas de vários eventos históricos em sua lente ideológica racista, como por exemplo, como a Inglaterra passou relativamente incólume à onda da Revolução Francesa, evidentemente segundo ele, as instituições e a raça estavam sadias. O motivo do fim de Roma ele encontra na miscigenação, a qual ele chama de “degeneração” do “estoque da raça”, afirmando que “O esplendidamente dotado estoque Romano estava rapidamente perdendo a si mesmos em para uma horda de mestiços [vira-latas] que eram pedintes, homens libertos e escravos” (Ibid, p. 387-388, 1918). É imediatamente aparente para qualquer estudante de História que as suas razões são absolutamente falsas: não há menções de conflitos de classe, nem das várias dinâmicas de Roma que explicam em detalhe a sua “decadência”. Tão mistificante da existência de “classes” e tão mutilador da história é sua análise da Inglaterra frente à Revolução Francesa, Stoddard só deixa de mencionar que a Inglaterra havia completado sua revolução burguesa e que, mesmo assim, houve impactos diretos dos “ventos da Marselhesa” na ilha.

Stoddard chega a afirmar que a cura é a prevenção e que “Nesta profilaxia social, o elemento chefe é uma opinião pública inteligente” (Ibid, p.390, 1918), anunciando tendências que veremos mais à frente na Klan e no movimento da ordem racista e anticomunista. Ironicamente, na mesma fala Stoddard afirma acreditar em liberdade de expressão que, segundo ele, deve ser total sem aparentemente nunca se perguntar “De qual liberdade de expressão um linchado goza?”. Quando finalmente menciona a “classe”, Stoddard a naturaliza em uma lógica de que classe é uma construção quase que biológica, e que em uma sociedade sadia que está “[...] sinceramente apegada à ordem social [...]” (Ibid, p.390, 1918) estas falas de revolução não irão funcionar. No fim de sua tentativa de diagnóstico histórico e médico, ambas coisas na qual Stoddard falha miseravelmente pelo mesmo motivo: falta de conhecimento e uma tendência para deturpação de ambos, o “teórico” ainda prescreve que “Pela inteligente e temperada aplicação destes princípios, a maior parte das sociedades devem esperar resistir seguramente os tempos críticos de mudança” (Ibid, p.392, 1918).

Em seu seguinte trabalho, datado de 1920 em sua primeira edição, podemos ver como Stoddard já havia graduado seu exercício de análise histórica para um exercício de análise do que se chamaria de “geopolítica internacional”, é claro, com explicações para complexos eventos que forçavam a mão em se basearem em teorias de raças como chave analítica e que prescindiam de dados sobre quase qualquer outro tema. É importante, antes de adentrar esta outra fonte primária que nos oferece Stoddard, definir quem era o autor e que tipo de espaço ele ocupava na sociedade altamente segregada dos EUA do começo da década de 20. Theodore Lothrop Stoddard, nascido em 1883 em Brookline (Massachusetts) foi, dentre outras coisas um proeminente membro da Klan que também era um escritor, jornalista, historiador e cientista político de tal patamar e relevância na sociedade da época que conseguiu se doutorar com honras na prestigiada Harvard.

Membro das proeminentes associações de ciências políticas *American Political Science Association* (Associação de Ciência Política Americana) e *Academy of Political Science* (Academia de Ciência Política), bem como da *American Historical Association* (Associação Histórica Americana) e de outras duas associações com caráter “científico” (Ou pseudocientífico), a *American Birth Control League* (Liga Americana para Controle de Natalidade) e da *American Eugenics Society* (Sociedade Americana de Eugenia) em ambas militava pela manutenção e pelo aprofundamento das leis antimiscigenação, Lothrop não era um pária social, advindo do esgoto da sociedade estadunidense, de suas margens mais distantes. Pelo contrário, o livro que iremos analisar mais adiante, *The Rising Tide of Color Against White World-Supremacy* (A Ascendente Maré de Cor Contra a Supremacia do Mundo Branco) rendeu-lhe grandes elogios da recepção do notado *The New York Times*, e do próprio presidente dos EUA à época, Warren G. Harding, um fervoroso segregacionista preocupado com os males da miscigenação que via no trabalho de Lothrop um verdadeiro achado ao ponto de declarar que “Quem tomar o tempo para ler e ponderar o livro do senhor Lothrop Stoddard [...] deve perceber que nosso problema com a raça aqui nos Estados Unidos é apenas uma fase de um problema com raça que o mundo inteiro confronta” (HARDING apud FRAZIER, 2019).

É necessário sublinhar a influência e o alcance deste homem, que servia claramente a um projeto de tornar a Klan, que tinha um passado, um presente (E um futuro) de brutal violência, em algo “intelectual”, em algo palatável e polido, fazendo uma espécie de “batalha em duas frentes”: de um lado a fama popular seria a desses justos homens brancos defendendo mulheres brancas dos “selvagens”(Fossem negros, judeus, mexicanos, mas sempre comunistas) com brutal violência se fosse necessário, e de outro lado, homens polidos, acadêmicos que podiam manter debates com o que havia de mais novo na academia racista. Stoddard tinha um papel claro nesta “divisão de trabalho”, que levava ele a fazer discursos e palestras, participar de debates em faculdades pelo país, mantendo o tom de ameaça apocalíptica e criando medo e desconforto na população branca, tática presente desde seu primeiro livro sobre a Revolução de Santo Domingo-Haiti, publicado em 1914 (Que não analisaremos neste trabalho, mas é importante para entender sua trajetória), embora Stoddard negasse sua participação na Klan (FRAZIER, 2019), ficava claro para qualquer um que lesse seus livros que, no mínimo, ele defendia e endossava as táticas perpetradas pela KKK em sua totalidade.

O que nos leva a um incidente muito peculiar: seu debate, em 1929, com um dos maiores intelectuais da época e amplamente considerado o maior intelectual e historiador negro da História dos EUA: W.E.B. Du Bois. Du Bois à época teve pouco tempo para se preparar o debate e teve que aceitar as anotações de outro autor negro, de última hora. O consenso do debate, intitulado *Shall We Give the Negro Cultural Equality?* (Devemos dar ao Negro Igualdade Cultural?), foi o de vitória de Du Bois, embora a maior parte da audiência fosse negra, isto demonstrava um importante momento de estabelecimento da intelectualidade negra (FRAZIER, 2019). No debate, Stoddard tomou uma posição recuada frente ao grande intelectual negro e acabou perdendo o debate, mesmo segundo aqueles que não fossem negros, ele saiu de lá humilhado, pelas respostas rápidas e efetivas de Du Bois, que conseguiu capitalizar a incoerência e a ignorância de Stoddard de forma a fazer a audiência rir das malucas ideias de Theodore Lothrop, que afirmava que era necessária a segregação, a separação em si, mas que isso não tornaria os serviços públicos ou a vida dos negros ruim, ao que Du Bois responde, já entre os risos da plateia, que o motivo pelo qual

Stoddard não entende as gargalhadas é que ele não havia andado nos vagões de trem das leis Jim Crow, “Mas nós sim”.

Voltando ao ano de 1920, Stoddard escreve o seu segundo livro, e até então o mais influente, que cimentará a sua nova visão que percebe a ligação de comunistas e de raças inferiores (Judeus, “amarelos”, negros, etc.) trabalhando em conjunto para trazer o fim da tão defendida supremacia do mundo branco. O diagnóstico do medo que o prefaciador, Madison Grant notório racista que mereceria um trabalho apenas para explicar suas posições, traz logo na introdução do livro e ela avisa que o “Bolchevismo na Rússia significa a eliminação da aristocracia nórdica e a dominação do campesinato meio-asiático eslavo” (GRANT, p. XXVIII, 1921, tradução própria), trazendo a noção com base no livro de Stoddard e a qual ele irá explorar de que o “Bolchevismo” é um mal das “hordas asiáticas mongóis” junto com a “[...] liderança semítica” (Ibid, p.XXXI, 1921), em clara referência à conspiração de que os judeus dominavam o mundo, popularizada por, dentre outras coisas, este livro e os Protocolos dos Sábios de Sião, de Henry Ford.

Neste livro Stoddard tem como objetivo colocar os grandes fundamentos de sua “teoria” a nível geopolítico, distinguindo entre quatro raças inferiores, mais a sua (“Nórdica”) que são “Quanto aos 1,150,000,000 do mundo de cor, eles estão divididos, como já dito, em quatro categorias primárias: amarelos, marrons, pretos e vermelhos” (STODDARD, pp. 7-8, 1921). Stoddard enfoca na raça “amarela”, das tais hordas asiáticas que tinham feito a revolução bolchevique e que estariam em cooperação nesta revolta contra o mundo branco, tomando claras posições contra a miscigenação e a favor da separação destes “mundos”. O livro possui três partes divididas entre doze capítulos.

A primeira parte foca na explicação do que é o “mundo de cor”: o primeiro capítulo dá uma visão geral sobre o tema enquanto os subsequentes capítulos lidam com cada “terra” de cada povo de cor, esta primeira parte é nomeada “A ascendente maré de cor”. É nesta parte que começa a construção do medo focal contra os bolcheviques e suas hordas asiáticas, que o autor irá desenvolver mais adiante, bem como algumas “explicações científicas” da inferioridade das raças. A segunda parte do livro foca no “mundo branco”, este “civilizado” e que civilizou (Ou tentou civilizar) outros

mundos, mesmo às penosas custas que eles próprios tomaram, trata de temas como a solidariedade da raça branca e como esse mundo pode ser derrubado pelo insurgente nacionalismo destes outros mundos, com o título “A vazante maré branca”. Por fim, o seu livro conclui com seu “diagnóstico” de como curar este problema, quais são as soluções e com um tom sério e alarmista, mas ainda assim, um tanto quanto otimista sobre como poderiam salvar a “civilização” e o “mundo branco”, o seu título é “O dilúvio nos diques”, explicando como essa “barragem” que segura essa civilização pode se romper, em sua analogia que dá nome ao livro.

É claro, no centro de toda sua “reflexão”, Stoddard oferece a culpa desse desarranjo do mundo, deste motim contra a raça superior, ao bolchevismo, que era a pior coisa já criada na História do homem:

A ameaça do Bolchevismo é simplesmente incalculável! Bolchevismo é um perigo em algumas formas sem precedentes na história do mundo. Não é meramente uma guerra contra um sistema social, não meramente uma guerra contra nossa civilização; é uma guerra da mão contra o cérebro. (Ibid, p.218, 1921, tradução própria).

É claro que este mal adivinha, segundo Stoddard, do fato de que os Bolcheviques eram, é claro, pertencentes às raças amarelas, famosas por serem sem piedade e manipuladoras, citando Lênin nominalmente, o culpando junto aos bolcheviques de inspirar o tenebroso ideal de igualdade, no qual até mesmo o pensamento de superioridade biológica seria um crime:

O “proletariado” está fazendo sua “limpeza”. As “classes” estão sendo sistematicamente eliminadas por execução, massacre ou fome. O empobrecimento racial é simplesmente incalculável. Enquanto Lenine, cercado por seus carrascos chineses, senta-se atrás das paredes do Kremlin, um moderno Gengis Khan tramando a pilhagem de um mundo. Os “corajosos” de Lenine são meramente sintomáticos das intrigas que o Bolchevismo está carregando através do mundo não-branco. O Bolchevismo é, de fato, anti-racial tanto quanto é anti-social. Para a mente Bolchevique, com seu furioso ódio da habilidade construtiva e sua determinação financeira de forçar o nivelamento, igualdade proletária, a própria existência dos valores da superioridade biológica é um crime, o Bolchevismo jurou a proletarização do mundo, começando com as pessoas brancas. (Ibid, pp. 219-220, 1921, tradução própria).

Os “agitadores bolcheviques” são também culpados de trazerem essa agitação para todos os lados do mundo, não só na Ásia, segundo Stoddard:

De acordo, em toda parte do globo, na Ásia, África, América Latina e nos Estados Unidos, agitadores Bolcheviques sussurram nos ouvidos de pessoas de cor descontentes seu gospel de ódio e vingança. Toda aspiração nacionalista, todo agravo político, toda discriminação social, é combustível para a infernal incitação de guerra racial bem como de classes dos Bolcheviques. [...] Seus resultados já se mostram nas partes mais diversas [...] China, Japão, Afeganistão, Índia, Java, Pérsia, Turquia, Egito, Brasil, Peru, México e os “cinturões negros” do nosso Estados Unidos. (Ibid, pp. 220-221, 1921)

Se há a união destas “raças asiáticas” para desestabilizar o mundo branco, liderados por Lênin e pelos Bolcheviques, e o autor vai analisar que as outras eram incapazes de fazer frente e “peitar” o mundo branco, assim como eram os asiáticos. Stoddard aponta que, nesta perspectiva, o negro era “selvagem” a nível individual, mas não teria a capacidade de se organizar como tal era essa raça asiática, fazendo alusão também às teorias eugênicas do “sangue”:

E, é claro, quanto mais primitivo um tipo é, mais prepotente ele é. Isto é o motivo pelo qual cruzamentos com o negro são uniformemente fatais. Brancos, Ameríndios, ou Asiáticos — todos são da mesma forma vencidas pela invencível prepotência do mais primitivo, generalizado, e mais baixo sangue negro. Não há perigo imediato do mundo ser inundado pelo sangue negro. Mas há um perigo muito iminente que os estoques brancos [de raça] talvez sejam inundados pelo sangue Asiático. (Ibid, p. 302, 1921).

A solução que o racista estadunidense aponta é a inequívoca separação destas raças, a nível local nos Estados Unidos através das leis de segregação e Jim Crow, e a nível mundial banindo essas raças asiáticas de virem para a terra prometida, e ainda assim, criar uma solidariedade branca duradoura que mantivesse a “raça” e as “instituições” sadias, como sugere no seu artigo de 1918, já analisado aqui:

[...] mesmo dentro do mundo branco, migrações de tipos humanos inferiores como aqueles que causaram distúrbios nos Estados Unidos devem ser rigorosamente reduzidas. Tais migrações perturbam padrões, esterilizam os melhores estoques [de raça], aumentam os tipos inferiores, e comprometem os futuros nacionais mais que guerra, revoluções, ou deterioração nativa. Tais são as coisas que simplesmente devem ser feitas se quisermos passar pelas próximas décadas sem convulsões que talvez tornem impossível a recuperação do mundo branco. (Ibid, p. 308, 1921).

Os comunistas eram vistos neste momento como elementos disruptivos, que incitavam as profundas contradições das sociedades segregadas, como nos demonstra

não só o texto de Stoddard, mas a recepção à um evento em específico, me refiro aos chamados “Distúrbios raciais de Tulsa”, ou, um nome mais efetivo em convir a realidade do que aconteceu: o massacre racial de Tulsa, no Oklahoma. De forma breve e resumida, o que aconteceu foi uma tentativa de evitar o linchamento de um homem negro preso por parte da população negra, que se mobilizou em sua defesa. Aqui temos uma questão, esta manifestação se chama no inglês de “*riot*”, que significa algo entre uma “manifestação” e um “tumultuo”. Esta não é a mesma palavra que “*demonstration*” ou “*rally*” mais associadas com movimentos políticos. Mas, seguindo adiante, a manifestação causou revolta na população branca, que via como uma afronta o fato de que cerca de setenta homens negros tomaram para si a defesa de um homem que seria linchado, e começaram um massacre: primeiramente os possíveis defensores do linchado, e, depois a violência contra pessoas negras foi generalizada, resultando em um brutal massacre de grandes proporções, com direito à utilização de bombas e outros mecanismos incendiários contra bairros negros, causando uma literal terraplanagem deles, isso tudo com grande cooperação das autoridades locais, até que houve a utilização de lei marcial para parar o que havia virado praticamente uma incursão bélica contra a população negra local.

Chamo atenção aqui, como faz a estudiosa do tema Rachel Hill, para a recepção deste brutal e sombrio evento, bem como aos seus precedentes. A área estava recebendo um influxo de atividade da Klan recentemente, como explica Hill, “Coincidindo com aumento da atividade da KKK em Tulsa e desemprego branco, um profundo ressentimento da acumulação de riqueza de Greenwood se deterioraram” (HILL, p. 37, 2009, tradução própria). Aqui vemos a utilidade da Klan para as classes dominantes em plena ação: em um cenário propício para agitação popular e luta de classes, o foco era retirado do desemprego e colocado na raça. É a política do que se convencionou a chamar de “*divided race, divided class*” (“raça dividida, classe dividida”) que fazia a Klan triunfar e gozar do apoio das classes dominantes, que podiam contar com a mistificação do grupo para problemas sociais severos. Também há de se notar quem leva a “culpa” por estes eventos, voltando para Hill:

Quase imediatamente, a América branca [...] parecia determinada a absolver-se de toda responsabilidade, e grandes jornais por todo país imprimiram artigos de capa colocando a culpa em Afro-Americanos e

em uma suposta trama comunista. Um artigo do Los Angeles Times intitulado “Culpe a Propaganda Vermelha pelos Tumultos Raciais em Tulsa” [...] A frase de abertura afirmava inequivocamente: “Propaganda bolchevique, que estava incitando negros desta cidade e fora dela no Oklaoma a se tornarem antagônicos contra brancos ... foi a principal causa do tumulto racial” [...] Este título sensacionalista tirava a culpa do racismo americano ao sugerir que radicais “bolcheviques” eram responsáveis. Os assassinatos em massa e o enorme custo de dano à propriedade podiam ser, segundo essa lógica [...] isentos de conexão com a sociedade americana [...] Culpar os comunistas serviu para negar que a cultura americana era de qualquer forma culpável, além do mais, ao creditar a “propaganda bolchevique” [...] o autor negava que Afro-Americanos tinham a capacidade de desenvolver e organizar protestos [...] (Ibid, p. 38, 2009, tradução própria).

Temos aqui desenhada como a propaganda e a persistência cultural da Klan com grandes apoios entre “intelectuais” como Stoddard e “homens de negócio” como Ford funcionavam. É claro que, ao falar de “desenhar” não podemos nos esquecer dos cartazes que a Klan espalhava para manter o medo na população negra de se organizar com os comunistas, como na Figura 1, na qual podemos ver uma clara mensagem em tom de ameaça, para criar a desorganização e mantê-los sob seu jugo.

Embora seja importante entender a relação que a KKK tinha com os Comunistas que visavam a emancipação humana acima do ideal de raças da supremacia branca, não se pode achar que estas relações contam toda a História. Já foi mencionado aqui os cartazes amedrontadores com dizeres anticomunistas que tinham por objetivo “avisar” (Aterrorizar) os negros o que lhes aconteceria se fossem pegos se organizando com comunistas, panfletando tais ideias ou algo do tipo. Há, porém outra relação deste perverso grupo de ódio, desta vez com a contrapartida da luta de classes que os comunistas pregavam: o grande capital. A KKK serviu diversas vezes não só como o elemento já explicitado neste trabalho (A fórmula que chamei de “dividir a raça, dividir a classe”), eles serviam de outra forma para a classe dominante: serviam como a “braço armado” do grande capital que, em não raras ocasiões, realizava uma tática chamada de “*union busting*” (“Quebra de sindicatos”) como nos explica Parenti:

De fato, através de grande parte de sua história a Klan funcionava como uma organização de quebra de sindicato [*union-busting*] — assim como o faziam os Nazistas na Alemanha no começo dos anos de 1930.

Podemos perceber com clareza do que se trata o capitalismo racial e a *herrenvolk democracy* de que falei: a mais bárbara dominação de raças umbilicalmente ligada à um projeto político da burguesia, se expressando na fórmula de “dividir a raça, dividir a classe”, essencialmente. A última fonte primária a ser analisada neste trabalho será o livro *The Revolt Against Civilization: The Menace of the Under-Man* (A Revolta Contra a Civilização: A Ameaça do Sub-Homem) que causará grande efeito do outro lado do Atlântico, me refiro ao sucesso do livro na Alemanha Nazista. O livro de Stoddard chega na Alemanha três anos depois e será como um dos pilares basilares do pensamento Nazista, no qual se inspirou o Terceiro Reich, com o qual futuramente Stoddard terá ligações muito próximas¹⁷ e pelo qual, como Losurdo coloca “Já na década de 1920, entre a Ku Klux Klan e os círculos alemães de extrema direita estabelecem-se relações de troca e de colaboração com base no racismo antinegro e antijudaico” (LOSURDO, p. 103, 2010). O livro que se tornou praticamente uma leitura obrigatória, referência de leitura do regime, ao ponto de que o termo “*under-man*” acabará obtendo sucesso em sua tradução que suscita imediatamente horror a qualquer um que o leia:

Pois bem, o termo *Untermensch*, que desempenha um papel tão central e tão nefasto na teoria e na prática do Terceiro Reich, não é se não a tradução do norte-americano *under-man* [sub-humano]! Rosenberg, que exprime sua admiração pelo autor estadunidense Lothrop Stoddard, reconhece-o. A Stoddard cabe o mérito de ter cunhado o termo em questão [...] (Ibid, p. 106, 2010).

Sobre a ligação do Reich com a sua “inspiração americana” por assim dizer, muito pode-se dizer e muito já foi investigado pelo historiador italiano em seu livro, mas com o risco de cansar o leitor, creio que para entendermos a interpretação e a recepção do livro de Stoddard, é necessário trazer uma citação a mais desta obra de Losurdo, que ajudará a explicar o quão profuso é o impacto de Stoddard na cena

¹⁷ Ficará fora do escopo deste trabalho a análise destes eventos, porém é digno de nota a viagem e a vida de Stoddard na Alemanha Nazista. Experiência da qual surgirá em 1940 o livro *Into the Darkness: Nazi Germany Today* (Dentro da escuridão: Alemanha Nazista hoje), em que ele irá relatar suas experiências e o regime de supremacia branco alemão, ganhando acesso particular e privado em entrevistas aos grandes nomes do regime nazista como Heinrich Himmler. A obra é extremamente laudatória da Alemanha Nazista e possui um certo caráter de “propaganda oficial” do regime e a recepção de Stoddard no país foi a seguinte: “Já elogiado por dois presidentes estadunidenses (Harding e Hoover) antes ainda de ser elogiado por Rosenberg, Stoddard é depois recebido com todas as honras em Berlim, onde encontra não apenas os expoentes mais ilustres da eugenia nazista, mas também os mais altos hierarcas do regime, inclusive Adolf Hitler [...]” (LOSURDO, p. 106, 2010).

“intelectual” dentre os círculos de extrema-direita alemães, citando diretamente o nazista de alto cargo, Rosenberg:

Em 1937, Rosenberg celebra os Estados Unidos como um “esplêndido país do futuro”. Limitando a cidadania política apenas aos brancos e ratificando em cada nível e com todos os meios a *white supremacy*, ele teve o mérito de formular a feliz “nova ideia de um Estado racial”, ideia para que agora esforçam-se para pôr em prática, “com força juvenil” mediante a expulsão e deportação dos “negros e amarelos” [...] “A questão negra” – escreve Rosenberg – “está, nos Estados Unidos, no vértice de todas as questões decisivas”; e uma vez que o absurdo princípio da igualdade tiver sido cancelado para os negros, não se vê porque não devem ser tratadas “as necessárias consequências também para os amarelos e para os judeus”.(LOSURDO, p.104, 2010).

Se nos livros e obras anteriores de Stoddard temos encontraremos uma narrativa do pânico como principal eixo temático, neste livro isto se altera um pouco. A narrativa do pânico ainda está lá, mas ela se altera para um olhar “científico” e “histórico”, do que configura a “civilização”. O ponto focal do livro é demonstrar a diferença entre os dois de forma “objetiva” e “científica”, embora, é claro, sempre exista o persistente sentido de pânico e medo alarmista, que se configura na imagem do “*under-man*”, este que a tradução literal é “sub-homem”, mas que será traduzido, geralmente do alemão, como “sub-humano”. Como contraponto a este sub-humano, teremos no livro o homem branco civilizador, que possui este “Fardo da Civilização”, termo que não só ele repete pelo livro, mas também dá título ao capítulo inicial do livro. Segundo Stoddard, “Aqueles povos estagnados ou decadentes não poderiam suportar o fardo da civilização. Pois a civilização é um fardo bem como é um benefício” (STODDARD, p.2, 1922, tradução própria). É claro, Stoddard vai apontar os problemas com este “fardo civilizatório” que o homem branco tomou para si, ele leva aos perigos mais extremos, como da contaminação com a raça inferior, a perda do “estoque forte”:

A dura verdade da questão é que a civilização tende a enfraquecer as qualidades inatas de seus portadores humanos; [tende a] usar estoques fortes; a desfazer esses mesmos valores raciais que primeiramente habilitaram um povo a tomar sua tarefa civilizacional. (Ibid, p. 14, 1922).

E o quanto isto é necessário para a formação da civilização? Muito, segundo o racista estadunidense. Dentro de sua caracterização das necessidades civilizacionais, Lothrop irá apontar que:

[A] Civilização depende de estoques de raças superiores. Mas os estoques são feitos por indivíduos, que, longe de serem precisamente iguais, diferem em qualidade e em capacidades. (Ibid, p. 19, 1922)

É claro que, nesta caracterização, vemos o lugar do homem branco, civilizado, superior, que até tem a bondade de se “sacrificar” para tal. Qual é então, a explicação a caracterização do termo que nos salta aos olhos, o Under-Man?

Tais são as fileiras dos inferiores — o vasto exército dos inadaptável. Deixe-me de novo enfatizar que “inferior” não necessariamente significa “degenerado”. Os degenerados são, é claro, inclusos, mas a palavra inferior é um termo relativo significando “abaixo” [...], neste caso significando pessoas abaixo [...] do padrão da civilização. A palavra inferior tem, contudo, sido usada tão frequentemente como um sinônimo de degenerado que tende a produzir uma confusão do pensamento, e para evitar isto eu cunhei um termo que parece descrever coletivamente todos os tipos de pessoas que eu acabei de discutir. Este termo é O *Under-Man* [Sub-Homem/Sub-Humano] — o homem que mede abaixo dos padrões da capacidade e da adaptabilidade impostos pela ordem social na qual ele vive. (Ibid, p. 21, 1922).

E qual seria a razão, o motivo para a revolta deste ser inferior? Bem, Stoddard nos oferece sua explicação, o Sub-Homem, não consegue evitar ser contra a própria civilização, por conta de sua condição inerentemente limitada:

Mas esta civilização, que retém benefícios, não hesita a impor limitações. Nós previamente falamos que os mais pesados fardos da civilização são suportados pelos superiores. Absolutamente, isto é verdade; relativamente os fardos intrinsecamente mais leves do Sub-Homem [Sub-Humano] parecem mais pesados por causa de sua inata incapacidade. [...] Agora qual é a sua atitude diante da civilização da qual ele tem tão pouco a esperar? Qual, mas instintiva oposição e descontentamento? [...] Mas em última análise, eles são direcionados não meramente contra imperfeições na ordem social, mas contra a ordem social em si. [...] Devemos perceber claramente, que a atitude básica do Sub-Homem é uma revolta instintiva e natural contra a civilização (Ibid, p. 21-22, 1922).

Sob a mesma lógica nojenta e deturpada, assim que Stoddard avalia a revolução russa e os bolcheviques, cimentando seu anticomunismo: quase que como crianças, inferiores, ignorantes e ingratas que não conseguem perceber a civilização e lutam pelo ideal absurdo da igualdade:

Agora, frente a tudo isso, como o delírio da “igualdade natural” obteve [...] tão teimoso controle na humanidade? [...] O slogan da “igualdade” foi levantado muito distante no passado remoto, e, ao invés de

enfraquecer, ele nunca foi [...] mais alto do que hoje. É curioso que bem quando o avanço do conhecimento e da complexidade crescente da civilização tenha aumentado as diferenças individuais tanto e tornado capacidades superiores tão importantes, que o grito pela igualdade se tornou mais forte que nunca, que foi incorporado em todas as doutrinas equalizadoras e tenha sido tentado na Rússia Bolchevique com a mais fanática fúria e os mais apavorantes resultados (Ibid, p. 29, 1922).

Assim como uma tendência natural, Stoddard diz que a Rev. Russa “Vista historicamente, a revolta Bolchevique parece largamente como uma reação instintiva contra a tentativa de civilizar a Rússia começada por Pedro o Grande e continuado por seus sucessores” (Ibid, p. 123, 1922), solidificando assim a sua narrativa constitutiva contra os comunistas.

CONCLUSÃO

Para concluir, gostaria de ressaltar três aspectos que pude verificar em minha pesquisa, utilizando-me do recurso da retrospectiva histórica em comparação com o presente, não por anacronismo e nem para incorrer em uma teleologia da História, mas fazendo como Benjamin nos ensina e apropriando-me da reminiscência, tal como ela relampeja num momento de perigo. Os aspectos que quero retomar são os seguintes: o impacto da KKK e de suas ideias na sociedade estadunidense, os motivos que levam à sua longevidade histórica e, por fim, sua integração e suas relações institucionais. Na realidade estes três elementos se misturam e se confundem, não são coisas separadas, mas elementos constitutivos que explicam uns aos outros.

Para começar, peço ao leitor que dê um salto para o futuro e que deixe um pouco o final da década de 1910 e as décadas de 1920 e 1930 do século XX, o recorte principal deste trabalho, de lado e vá para as décadas seguintes para entender a profundidade, o enraizamento e a proporção que tomaram estes discursos e a sua instrumentalização até mesmo para fora da Klan. O leitor certamente irá lembrar da retórica inflamatória que Lothrop Stoddard e os *Klansmen* utilizavam-se para insuflar o medo do homem negro, criando a imagem do “selvagem” e “violador de mulheres brancas”. É possível ver esta perspectiva, porém, vinda de alguém que acabara de afirmar não ter nada de admiração pela Klan, citando-a nominalmente como demonstração de desalinhamento com tal ideologia, mas ainda ratificando as crenças da KKK (TYSON, p, 137, 2020).

Agora peço que salte ainda mais adiante, para o ano de 2017, na cidade de Charlottesville, no estado da Virginia em um evento de caráter político nomeado *Unite the Right* (Unir a Direita). O evento contou com a participação da Klan, de Neonazistas e outros elementos que se dizem “etno-nacionalistas”, como Richard Spencer, que tem estreitos laços com a Klan. Sob o som de gritos de “*Jews will not replace US*” (Judeus não irão nos substituir), os manifestantes de Charlottesville marcharam em um evento que levou a vida de uma vítima que fazia o “contra-protesto”. A reação do presidente dos Estados Unidos na ocasião, Donald Trump, foi a de afirmar que “Você tinha

peças muito ruins naquele grupo, mas você também tinha pessoas muito boas, em ambos os lados”¹⁸. Esta é a permeabilidade do discurso da Klan.

Talvez a utilização do termo “reacionário” jamais tenha caído tão bem e sido tão completo para designar uma organização política do que foi com a Klan. Em ambos os sentidos do termo: a vontade da volta ao passado, no caso, ao passado escravista, no qual a supremacia branca era ainda maior e ainda mais explícita, quanto no sentido de reagir ao inimigo, o inimigo da igualdade, o inimigo vermelho, real ou imaginário. Utilizando, nestas reações seu grande poder político e o aval do grande capital para perseguir, torturar, matar, linchar. Se olharmos com calma e clareza a História dos EUA, veremos que a perseguição política e ideológica sempre foi uma constante, isto não é uma novidade.

Historiadores do tema afirmam que o país passou por três *Red Scares*, dois deles só depois da Segunda Guerra Mundial. Alguns afirmam que não há três períodos de *Red Scares*, mas sim dois já que o terceiro e o segundo se amalgamariam em uma só coisa. De todo modo, é difícil passar em branco o tema e não perceber que na história recente dos EUA é possível encontrar políticas de desestabilização do “inimigo vermelho” onde quer que fosse no mundo e dentro do país. De ilustres anônimos à artistas famosos, poucos que não exibiam um ardente ódio ao Comunismo passaram incólume ao sentimento de que *tudo* que estava minimamente desalinhado ao projeto central dos EUA era uma “conspiração Comunista”. Um sentimento, inclusive que se mistura com o da Klan, que tinha, como já mencionado uma capacidade teórica abismal, vivendo a base de argumentos que afirmavam que “tudo é uma grande conspiração judaico-bolchevique”.

Ainda sobre a perseguição política institucional dentro do país, mesmo com tantos casos brutais e horripilantes, um deles se sobressai e salta aos olhos: o caso de Fred Hampton. O jovem revolucionário comunista que militava no *Black Panther Party* foi assassinado no seu sono induzido por drogas administradas por um informante do FBI, em uma operação em conjunto com a polícia de Chicago. O jovem de Illinois

¹⁸ The ‘very fine people’ at Charlottesville: Who were they?. The Washington Post, Washington, 08/05/2020. Disponível em: <
<https://www.washingtonpost.com/politics/2020/05/08/very-fine-people-charlottesville-who-were-they-2/> >. Acesso em: 28/10/2021.

dormia ao lado de sua esposa grávida, que sobreviveu à incursão policial, junto ao filho. Ao todo mais de 90 tiros foram dados no apartamento. 1 deles foi dado por um membro dos Panteras Negras, e ainda assim, ao que perícia parece constatar é que foi um disparo de uma reação *post mortem* de um dos militantes. Temos de nos perguntar, então, com os elementos dados e explicados neste breve trabalho: por qual motivo este jamais foi o caso para líderes da Klan? Por que, na História dos EUA, não houve um “*Klan scare*”, que não fosse o medo da população negra, judia, hispânica ou até de pessoas brancas que se associavam com pessoas negras? Por que motivo, em sua história, não podemos lembrar de uma incursão moral e amplamente divulgada contra os valores “anti-americanos” da Klan, como se fez e se faz contra os comunistas e seu delirante ideal de igualdade? A resposta para estas perguntas incômodas é tão incômoda quanto, ou mais, como nos conta Michael Parenti: “Nazistas e membros da Klan são racistas e violentos, mas eles não são anticapitalistas — o que talvez explica o motivo que faz a imprensa corporativa tratá-los tão bem.” (PARENTI, 2021). A grande intelectual e militante Angela Davis histórica do movimento comunista e do movimento negro dos EUA, vai um passo adiante afirma a fundamental instrumentalização do anticomunismo que historicamente foi utilizado para deter os movimentos de direitos, fossem eles feitos por comunistas ou não:

Eu gostaria de dizer muito simplesmente que o racismo foi um ingrediente significativo nas campanhas anticomunistas. Considerando que Martin Luther King foi repetidamente descrito pelos adversários como comunista, e não por ser na verdade mesmo do partido comunista, mas porque se presume que a causa da Igualdade racial era uma criação comunista. O anticomunismo possibilitou a resistência ao direito civis uma miríade de formas e vice-versa; o racismo possibilitou o alastramento do anticomunismo. Em outras palavras, o racismo tem desempenhado um papel decisivo na produção ideológica do comunista, do criminoso, do terrorista [...] (DAVIS, p. 140, 2009).

Para o olhar insuspeito, desatento e não treinado pela apreensão da História dos Estados Unidos, seria possível parecer que a Klan é um projeto político de tudo que é “anti-americano”, de tudo que está “à margem” da sociedade estadunidense como tal, de que a Klan se expressa a partir do oposto da “sociedade livre” que os líderes do *free-world* construíram, que ela é algo como uma exceção histórica ou ainda, uma exceção *política*. Isto é meramente uma ilusão. Se a história da Klan demonstra

uma coisa, é que ela é uma forma expressa de uma sociedade e de suas premissas fundantes. Fundamentalmente contraditória com a suposta expressão de uma “sociedade livre”. Para definir a liberdade da sociedade estadunidense é possível citar uma frase do dirigente bolchevique Vladímir Ilitch Uliánov: “A liberdade na sociedade capitalista continua sempre a ser, mais ou menos, o que foi nas repúblicas da Grécia antiga: uma liberdade de senhores de escravos.” (LÊNIN, p. 112, 2017).

Esmiuçar o sentido histórico do anticomunismo da Klan não é uma tarefa incômoda só por ler das suas atrocidades gerais, sobretudo e em particular, contra a população negra, vítima de terrores não ditos. É incômodo também porque suscita tais perguntas como: o que é o americanismo que a Klan prega? Qual é a diferença entre este projeto de nação de um americanismo da supremacia branca e o dos pais fundadores dos EUA? Graças à recuperação de Losurdo sobre o tema, sabemos que nas primeiras décadas de vida do país como uma nação independente a maioria de seus presidentes eram donos de escravos e que o país era como um projeto contraposto ao de São Domingo-Haiti, eram irreconciliáveis em sua básica existência por um motivo em particular:

De um lado temos um país que coloca no poder ex-escravos, protagonistas de uma revolução provavelmente única na história mundial; de outro um país quase sempre dirigido, nas suas primeiras décadas de vida, por presidentes que são ao mesmo tempo proprietários de escravos [...] um país que sanciona o princípio da igualdade racial [...] de outro, um país que representa o primeiro exemplo histórico de Estado racial [...] Seria perigoso – observa Jefferson em 1799 – estreitar relações comerciais com Santo Domingo: acabariam por desembarcar nos Estados Unidos “tripulações negras”, e estes escravos emancipados poderiam constituir um “material incendiário” [...] para o Sul escravista. A partir dessa preocupação a Carolina do Sul proíbe o ingresso no seu território de qualquer “homem de cor” proveniente de Santo Domingo [...] onde poderia ter sido contagiado por idéias novas e perigosas de liberdade e igualdade racial. (LOSURDO, p. 163, 2006).

Este breve estudo que apresento ao leitor é apenas isto: um breve estudo, introdutório e pouco aprofundado. Valeria a pena esmiuçar e entender as características do estado racial de que falei, como ele se reflete no projeto da Klan e a Klan se reflete em seu projeto de forma mais pormenorizada e em maiores detalhes, então não é possível fazer afirmações e tirar conclusões flagrantes que não tenham

sido exploradas pelos autores da bibliografia especializada consultada, mas ainda assim, em consonância com esta bibliografia, afirmo como uma conclusão desta breve pesquisa que o estudo da *herrenvolk democracy* e sua profunda ligação nos Estados Unidos, é uma chave analítica da qual não se pode prescindir ao analisar a sociedade americana, a História dos Estados Unidos é, portanto, a história de um capitalismo racial não superado, de uma supremacia branca persistente.

FONTES PRIMÁRIAS:

STODDARD, Lothrop. *Some reflections on revolution*. In: *The Unpopular Review*, Vol. IX, January - June, 1918. Nova Iorque: Henry Holt and Company, 1918. Disponível em: <<https://archive.org/details/unpopularreview09newyrich/page/n3/mode/2up?view=th eater>>. Acesso em: 16/09/2021.

_____. *The Rising tide of color against white world supremacy*. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1921.

_____. *The Revolt Against Civilization The Menace of the Under Man*. Nova Iorque: Charles Scribner's Sons, 1922.

Figura 1. "Negroes Beware / Do Not Attend Communist Meetings.". Alabama Department of Archives and History, AlabamTextual Materials Collection, nome do arquivo: Q2583 - Q2584.1930-1939. Disponível em: <<https://digital.archives.alabama.gov/digital/collection/voices/id/2020>>. Acesso em: 26/10/21.

**NEGROES
BEWARE
DO NOT ATTEND
COMMUNIST
MEETINGS**

Paid organizers for the communists are only trying to get negroes in trouble. Alabama is a good place for good negroes to live in, but it is a bad place for negroes who believe in SOCIAL EQUALITY.

**The Ku Klux Klan
Is Watching You.**

TAKE HEED

Tell the communist leaders to leave.
Report all communist meetings to the
Ku Klux Klan
Post Office Box 651, Birmingham, Alabama.

Figura 1

BIBLIOGRAFIA

BENJAMIN, Walter. *Walter Benjamin - Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CHALMERS, David M. *Hooded Americanism: The History of the Ku Klux Klan*. Durham: Duke University Press, 1987.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. São Paulo: Boitempo, 2016.

_____. *A Democracia da Abolição: para além do império, das prisões e da tortura*. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

FOSTER, William. *História das três internacionais volume III*. São Paulo: Nova Cultura, 2020.

FRAZIER, Ian. *When W. E. B. Du Bois Made a Laughingstock of a White Supremacist*. The New Yorker, Nova Iorque, 19, agosto, 2019. Seção American Chronicles. Disponível em: <<https://www.newyorker.com/magazine/2019/08/26/when-w-e-b-du-bois-made-a-laughingstock-of-a-white-supremacist>>. Acesso em: 24/10/2021.

GORDON, Linda. *The Second Coming of the KKK: The Ku Klux Klan of the 20's and the American Political Tradition*. Nova Iorque: Liveright Publishing Corporation, 2017.

GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: WMF Martins Fontes 2014.

HAYWOOD, Harry. *Black Bolshevik: Autobiography of an Afro-American Communist*. Chicago: Liberator Press, 1978.

_____. *Libertação Negra*. São Paulo: Nova Cultura, 2020.

_____. *A luta pelo posicionamento leninista sobre a Questão Negra nos EUA*. In: *LavraPalavra*, São Paulo: 2021. Disponível em: <<https://lavrpalavra.com/2019/10/11/a-luta-pelo-posicionamento-leninista-sobre-a-questao-negra-nos-eua/>>. Acesso em: 16/09/2021.

HILL, Rachael. *The 1921 Tulsa Massacre*. In: *Ex Post Facto (History Student Journal)*, Volume XVIII. San Francisco: 2009. Disponível em: <https://history.sfsu.edu/sites/default/files/2009_Rachael%20Hill.pdf>. Acesso em: 16/09/2021.

KELLEY, Robin D.G. *Hammer and Hoe: Alabama Communists during the great depression*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1990.

LÊNIN, Vladímir Iítich Uliánov. *O Estado e a Revolução*. São Paulo: Boitempo, 2017.

LOSURDO, Domenico. *Contra-História do Liberalismo*. São Paulo: Ideias e Letras, 2006.

_____. *A linguagem do império: léxico da ideologia estadunidense*. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. *A luta de classes: uma história política e filosófica*. São Paulo: Boitempo, 2015.

_____. *Liberalismo: entre a civilização e a barbárie*. São Paulo: 2020.

_____. *O marxismo ocidental: como nasceu, como morreu, como pode renascer*. São Paulo: Boitempo, 2018.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Escritos sobre a Guerra Civil Americana*. São Paulo/Londrina: Editora Aetia, 2020.

MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

_____. *O Capital: crítica da economia Política. Livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013

MCVEIGH, Rory. *The Rise of the Ku Klux Klan: Right-Wing Movements and National Politics*. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2009.

MOURA, Clóvis. "O racismo como arma ideológica de dominação". In: Revista Princípios, São Paulo, n. 34, 1994, p. 28-38.

PARENTI, Michael. *Konfortáveis com a Klan*. In: LavraPalavra, São Paulo: 2021. Disponível em: <<https://lavrpalavra.com/2021/09/24/kozy-with-the-klan/>>. Acesso em: 16/09/2021.

Revista Estudos, sem local, sem autoria, edição n.º 2 de 1971. Disponível em: <<https://www.cedem.unesp.br/#/>>

ROBINSON, Cedric J. *Black marxism: the making of the Black radical tradition*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1983.

SHAWKI, Ahmed. *Libertação Negra e Socialismo*. São Paulo: Editora Sunderman 2017.

SILVA, Jones Manoel; LANDI, Gabriel (org). *Raça, Classe, Revolução: a luta pelo poder popular nos Estados Unidos*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

The 'very fine people' at Charlottesville: Who were they?. The Washington Post, Washington, 08/05/2020. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/politics/2020/05/08/very-fine-people-charlottesville-who-were-they-2/>>. Acesso em: 28/10/2021.

TYSON, Timothy B. *O sangue de Emmett Till: o crime de ódio racial que chocou os Estados Unidos*. São Paulo: Estação Liberdade, 2020.